



# PASSANDO EM REVISTA ESPAÇO E CULTURA: O NEPEC COMO LUGAR IMAGINADO, VIVIDO, GEOGRAFADO...

■ CÁSSIO LOPES DA CRUZ NOVO <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professor de Geografia e Atualidades. Doutorado e Mestrado em Geografia Humana (PPGEO-UERJ). Especialista em Análise Ambiental e Gestão do Território (ENCE-IBGE). Ex-bolsista. E-mail para contato: cassiolcnovo@gmail.com

Recebido em: 10/07/2020

Aprovado em: 22/01/2021



**Sim!**

Esse foi o impulso-resposta ao convite recebido para compartilhar meu depoimento sobre a Revista Espaço e Cultura. Farei isso a partir de minhas vivências no âmbito do NEPEC, grupo de pesquisa no qual a Revista nasce, é nutrida, se fortalece, amadurece, ganha o Brasil, o mundo e o coração e as mentes de integrantes do próprio NEPEC, retroalimentando-se em um ciclo incessante de descobertas, experiências e escritas geográficas.

Enquanto escrevo realizo a recorrência desta resposta positiva nos últimos anos desta minha trajetória acadêmica. Dediquei-me a aceitar os vários convites, formais e informais, expressos e insinuados, que o NEPEC, a Revista, e os seus idealizadores, assim como os integrantes da comunidade nepeciana, me fizeram.

O *sim* é movente!

E nos lança, enquanto sujeitos conscientes que somos, ao campo de possibilidades de múltiplos encontros. Dentre tantos encontros penso, enquanto escrevo, que este depoimento precisa ser entendido de maneira complementar aos demais que vêm sendo escritos na edição anterior a esta. E demonstrados, afetosamente, a cada Simpósio Internacional, palestra, minicurso ou conferência que o NEPEC organiza e oferece à comunidade científica. Retornando aos textos que circulam por estas páginas, físicas e/ou digitais, os mesmos revelam vívidas histórias espaciais vividas em relação ao NEPEC e ao conjunto de edições de sua Revista que alcança, no presente, a simbólica marca de 25 anos de pujante vida.

Sendo assim, sinto que encontro, no *meio* em que consiste essa Revista, pessoas dedicadas a se envolver com as dinâmicas do grupo de pesquisa localizado na sala 4007, do Bloco D, no 4º andar do monumental ajuntamento de rampas, escadas e plataformas de concreto acinzentado que imprime na paisagem da cidade a marca da universidade de todo um Estado. A movência disparada pelo *sim*, e os encontros desencadeados desde então, me encaminham para a sala mais luminosa, colorida e radiante do aparente monólito cor de chumbo. E ali, na sala do Espaço e da Cultura, passo a entender, com o tempo, que as tonalidades de cinza uerjianas não significam desalento, monotonia, ou monocromia. Muito pelo contrário! É na fresta, no lugar onde se estuda festas, que o horizonte da geografia se alarga, o universo se amplia e o espaço se oferece a ser desbravado pelos interessados em conhecer e interpretar as pluralidades de modos de ser e estar no mundo. Em síntese, a geograficidade e a geografia cultural presente no cotidiano de nossas vidas pessoais e acadêmicas.

Ato contínuo, a paleta dos tons de cinza transmuta-se na diversidade das cores compreendidas entre o preto e o branco. O NEPEC erige-se como LUGAR onde as ideias são pensadas, escritas e publicadas, em sua variedade de formulações teóricas, metodologias, formatos e meios de expressão. Estimulado pela profusão de cores que emergem da referida sala saúdo o seminal, profícuo e *encantado* encontro entre Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. Deste *Big Bang*, desta contração e concentração da energia vital desses dois expoentes da geografia brasileira, todos os demais encontros, no transcurso de *anos-de-luz*, se tornaram possíveis. Ainda hoje o multiverso da geografia cultural se expande a partir dessa explosão original de determinação, intenções, dedicação e saberes.

Deste refulgente ponto (de encontro), em específico espaço e tempo, se distribuí cargas crescentes e radiantes de energia. Assim como se configurou, desde então, uma constelação de lugares onde – e quando – as estrelas da geografia se encontram. Lugares por onde elas (se) iluminam e refletem os saberes e conhecimentos ali adquiridos. O epicentro desse encontro lugarizou-se no NEPEC, manifestou-se através da Espaço e Cultura. E atua como força gravitacional que segue atraindo mentes, ideias e pessoas.

Inclusive a mim...

Minha história espacial pessoal encontra a história do NEPEC, assim como da Revista Espaço e Cultura, porque envolve, também, a reunião de pessoas. Durante a graduação em Geografia cursada na própria UERJ Maracanã, no inesquecível primeiro semestre de 2003, ano de implementação das cotas em âmbito nacional, algumas de minhas colegas de turma ingressaram como bolsistas “na sala da carranca”. A carranca ornamental nos mirava, altaneira, vigilante, da soleira do NEPEC. Como uma esfinge dos trópicos e subúrbios, parecia nos desafiar a decifrá-la para sermos dignos de ingressar em um *santuário* do saber geográfico dedicado aos estudos do sagrado e às investigações sobre as manifestações espaciais da cultura.

Se a carranca nos fazia abrir os olhos, despertando reverência e receio, a *presença* de Zeny, agigantada no interior da sala que hoje leva seu nome em placa gravada na parede e eternizada na memória, nos fazia acelerar os pés: sentíamos medo de permanecer ali dentro, no *templo* do saber (o NEPEC tem cheiro, ambiência e atmosfera de lugar onde se trabalha diligentemente). E eu, na época integrante do PET, em conluio com integrantes do NEGEF e NIEM, procurava outros espaços da universidade para os nossos encontros e rotina (nem sempre) de estudos.

Exatamente uma década depois foram justamente os meus pés que me encaminharam para aquela mesma universidade. E, em especial, para aquela mesma sala. Pés que obedeciam aos comandos e inquietudes de minhas imaginações geográficas que percebiam no NEPEC o melhor lugar para se ESTAR diante do objetivo de TORNAR-me pesquisador. Para, enfim, SER-geógrafo. Imaginava aquele LUGAR.

E para lá dirigi meu corpo.

E com ele, o conjunto de meus afetos, sonhos, desejos, receios, projetos e vulnerabilidades. Durante as aulas do mestrado em 2013, durante as breves pausas

para o café, meus colegas me convidam para (re)conhecer o NEPEC. Buscar algum livro que não me recordo. E ampliar minha vivência na universidade.

Essa segunda etapa de ingressos esporádicos na sala do NEPEC foi absolutamente distinta da primeira: agora a carranca não me intimidava, o cheiro, a atmosfera e as sensações emanadas daquela sala me faziam *sentir em casa*. E a *presença* da professora Zeny não mais me afastava, me afetava.

Positivamente!

Sentia-me convidado a permanecer. E assim o fiz. Mais um sim!

Iniciando como aluno-ouvinte, participante voluntário, depois como orientando e, por fim, como pesquisador participante deste lugar que preenche e me transborda de orgulho, satisfação e prazer, fui me envolvendo direta, afetiva e profundamente com as dinâmicas ocorrentes no NEPEC. Dentre tantas, as tratativas para viabilizar as edições da Revista Espaço e Cultura. No fluxo desses *acontecimentos*, poderosos o suficiente para transformar minha jornada acadêmica em uma *travessia* repleta de *experiências* de autoconhecimento e múltiplas descobertas, fui me dando conta de que, de fato, o NEPEC constitui-se como o “lugar onde se pensa as ideias e se escreve sobre elas”.

Ali, envolto e absorvido pelas intercorrências deste vigoroso grupo de pesquisas e pesquisadores, pensei e escrevi as ideias de minha dissertação. Assim como as de meu doutorado. Estas últimas *incorporam e manifestam* o prazer, a gratidão e o privilégio de ter sido um dos muitos orientandos da professora Zeny Rosendahl. A rotina de aulas, discussões, pausas para o café, almoços em conjunto e as interações intensamente vivenciadas durante os seis anos dedicados à pós-graduação me habilitaram a impregnar de significados e dotar de sentidos o MEU LUGAR na UERJ. Na Geografia. No mundo! Desse modo, o sentido de lugar emergente se apresentou como condição de possibilidade de estabelecer com o NEPEC meus laços de pertencimento e afeição que perduram. A sala 4007, desde então, é vivida e compreendida na confluência entre se apresentar como forma simbólica espacial a ser interpretada e lugar para ser vivido pelo meu ser-geógrafo. Sinto, interpreto e vivo o NEPEC nessas duas perspectivas.

Os passos caminhados até então se enredaram às páginas devoradas, ao longo de muitos anos, diretamente da coleção de livros Geografia Cultural; das edições da Geografia Cultural: Uma Antologia (1 e 2) e da Revista Espaço e Cultura. E dessa rede de referências desfilou uma trama de sentidos e um mapa de significados para um *fazer-*

*geográfico* comprometido com a investigação do fenômeno cultural nas paisagens, espacialidades e lugaridades da minha existência, agora afetada e enovelada às do grupo. Desses enlaces, *sagrado* e *profano* sempre se ofereceram para nossas experiências e estudos. O café para *fazer-ciência*. Os lanches, na *Hora da Merenda*, como a professora Zeny fazia questão de nomear esses momentos, para o *estar-pesquisando*. E o *viver* para o *ser-pesquisador*.

NEPEC é lugar. Visto – e sentido – que é mais do que uma centralidade nos espaços do saber da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É lugar luminoso, centro organizador dos sentidos e significados das alunas, alunos e pesquisadores no decurso de suas históricas espaciais e de suas geografias e geograficidades.

A Revista Espaço e Cultura assoma-se como manifestação potente da energia vital da geografia cultural neste quartel de século que marca o início de sua contribuição à geografia. Vinte e cinco anos pelos quais desfiaram e desfilaram pesquisas remontando aos primórdios da vida em sociedades, projeções de futuros possíveis e um presente de encontros entre geógrafas e geógrafos de diferentes regiões, matizes e matrizes teóricos e diversidade de intenções. Em comum, o apreço pela geografia; o NEPEC como referência; e a gratidão e deferência pela dupla composta pela professora Zeny e o professor Lobato: expoentes incontornáveis de uma geografia cultural engajada com as relações e interações dos indivíduos e grupos com suas culturas e com o espaço geográfico que habitam, significam e transformam. Uma Geografia comprometida com a excelência e a diligência acadêmica. O NEPEC é mais que um grupo de pesquisa: é uma escola para a vida!

E também é ponto nodal de redes de pessoas, *lugares-outros* e geografias das mais diversas origens, metodologias e encaminhamentos teóricos. Nó de extensa rede de conhecimentos, referências bibliográficas e afetos. Nódulo de raízes e rizomas os quais, no fértil solo nepequiano, frutificaram e seguem florescendo, colorindo e intumescendo a ciência geográfica. O NEPEC e seus integrantes, os do passado, aqueles do presente, e os que hão de se juntar a nós, constituindo-se, também, como pontos em nó na trajetória de linhas (de pesquisas) e de trajetórias (espaciais) de quem costura geografias do cotidiano e de quem desenvolve pesquisas que por aqui se enlaçam para elaborar rica e complexa tessitura multicolorida e texturizada de tramas espaciais, somos uma comunidade que avança, se fortalece e aumenta em números, assim como acontece com a Revista que recebe este meu depoimento.

Acredito na potência do ser-pesquisador quando me disponibilizo para estar-em-relação ao que pesquiso e com quem estou a pesquisar. Desse modo, o NEPEC emerge como centro luminoso, aglutinador de pessoas e suas ideias, e disparador de processos mentais e físicos que nos movem em direção aos nossos projetos, pesquisas, e desejos. Vivenciar, por anos, manhãs, tardes e mesmo noites na “sala da geografia cultural” desafiou-me a perceber a importância das relações e interações existentes entre pessoas no espaço geográfico e destas com o ambiente no qual interagem, o qual dotam de sentido e para o qual (re)criam significados. No NEPEC passei a entender isso em relação à minha pesquisa e aos indivíduos e fenômenos que investigava quando realizei que o mesmo *acontecia* comigo e aos demais pesquisadores a mim reunidos nesse lugar especial.

Como integrante do núcleo, habilitei-me a cerzir e alinhar pensamentos capazes de enredar ideias e tecer tramas de interpretações geográficas do que estudava. Aceitei e passei a atentar para as afetações das intercorrências da produção científica no âmbito do lugar onde ocorriam (para mim) e passei a considerar como elas iam sendo influenciadas pelas conversas, orientações, debates, sugestões, quadros, livros e artigos que compunham – e ainda compõem! – a paisagem do NEPEC: um convite para experimentar o sensível do mundo [acadêmico]. Convite aceito, coube a mim, sempre em relação aos demais que me acolheram e a mim foram se apresentando e sendo incorporados ao meu cotidiano, requalificar continuamente a sala em lugar. Em complemento, aperceber-me dos refinados modos como tudo ali contribuía para mediar e influenciar sentidos e caminhos de idealização, realização e reflexão sobre os muitos projetos, pesquisas e estudos que para ali confluíam.

Lugar imaginado e desejado, vivido no cotidiano dos trabalhos, leituras, descidas ao café, subidas aos almoços, festejos no pátio e na Concha (Acústica) e encontros para debates e seminários internos. Um lugar *geo-grafado* em minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. E amalgamado ao *ser-geógrafo-pesquisador* que sou, enquanto escrevo essas linhas. E Estou, enquanto me servindo dos múltiplos ensinamentos e lições apreendidos para seguir vivenciando geografias e geografando o viver em comunidade.

Participar do NEPEC consiste no privilégio de (re)aprender a *ser*, na prática, pesquisador capaz de *ver e sentir com o corpo inteiro* aquilo que nos desperta curiosidade. Interesse. É aquilo que, tantas vezes, nos interroga também. Passando em Revista as páginas (na história e na geografia) da Espaço e Cultura percebo nelas o meu contínuo

encantamento e a fixação do meu *olhar* (*geográfico*). Nelas semeei um dos meus maiores desejos: um texto com minha assinatura no periódico que me tornou quem sou. Hoje realizo a colheita ciente de ser um sujeito munido das necessárias habilidades de comungar com a geograficidade do existir no encontro com os outros (pensamentos, sujeitos, geógrafos) que no NEPEC encontram o seu lugar.

O NOSSO LUGAR!